

PRAXIS, ACTIVIDADE E TRABALHO

Manuel Dias Duarte

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Departamento
de Ciências Sociais e Humanas (Filosofia)

I Propósito

Este pequeno exercício hermenêutico pretende ilustrar duas teses:

– A primeira, que o trabalho é, para Marx, *actividade poietica alienada*, ou mais concisamente, que *trabalho* e *trabalho alienado* são termos unívocos. Os pressupostos da Filosofia do trabalho, em especial a tese de que o trabalho está na origem da riqueza e da propriedade privada, reflectem conhecimentos e interesses tipicamente burgueses. Marx nunca poderia aceitá-los.

– A segunda, que já nos escritos de juventude¹, a *actividade prática* é sempre e exclusivamente *actividade ético-política*, ora realizando-se ora desrealizando-se dentro dos limites e dos horizontes de uma realidade material e objectiva.

Circunscreveremos a nossa análise apenas a dois textos da juventude: os *Manuscritos Económico-filosóficos* de 1844 e as *Teses sobre Feuerbach* de 1845. Marx sempre se esforçou por conferir um estatuto científico à análise das questões sociais. Daí a importância do conceito de *práxis* e da distinção entre *trabalho* e *actividade* na constituição da sua concepção materialista do mundo social.

O projecto de Marx de simples à partida é complexo na sua resolução. Para o jovem redactor da *Rheinische Zeitung* trata-se de repensar e articular a actividade investigativa com a actividade prática e a actividade produtiva, actividades até então separadas sob pretexto de um pseudo-fundamento metafísico quando afinal o verdadeiro fundamento é de origem económica e política.

Interessa-nos pois ter presente a tradição aristotélica-kantiana no que toca à classificação das ciências e das actividades ao longo de todo o nosso exercício hermenêutico.

Consequentemente, argumentaremos sempre a partir de um pressuposto: que o jovem Marx dos anos 30-40, é influenciado em suas reflexões não tanto por Hegel, mas antes por Aristóteles e Kant, e principalmente pelo epicurismo, pelo materialismo francês e pelos comunistas “utópicos”².

Deixando de parte o debate, por vezes surdo, que tem vindo a desenrolar-se, há mais de um século, entre uma interpretação kantiana e uma interpretação hegeliana de Marx e sem entrarmos na discussão acerca da

¹ Nos escritos de juventude e da maturidade. O conceito de *práxis* como actividade ético-política está presente no *Manifesto do Partido Comunista* quando escreve: “Na *práxis* política tomam por isso [os socialistas feudais] parte em todas as medidas repressivas contra a classe operária” (*Un der politischen Praxis nehmen sie daher an allen Gewaltmaßregeln gegen die Arbeiterklasse teil...*) Marx-Engels, *Ausgewählte Werke*, Berlin, Dietz Verlag, 1972, Band I, p. 440.

E ainda: “Face às relações alemãs a literatura francesa perdeu todo o significado prático imediato e adquiriu uma feição puramente literária” (*Den deutschen Verhältnissen gegenüber verlor die französische Literatur alle unmittelbar praktische Bedeutung und nahm ein rein literarisches Aussehen an*), *idem*, p. 442.

Não analisaremos o conceito nesta e noutras obras por elas se encontrarem para lá dos limites que nos impusemos.

² Colocamos “utópicos” entre aspas por se tratar de uma designação estranha aos próprios visados.

legitimidade ou não legitimidade política de tais interpretações – não é esse o objectivo do presente escrito – intentámos tão-só voltar a ler os *Manuscritos* e as *Teses* à luz do itinerário intelectual do próprio Marx, da sua formação humanista, particularmente aristotélica e iluminista kantiana que recebeu na adolescência e que vai procurar ultrapassar na juventude com a crítica quer do atomismo de Epicuro quer do naturalismo de Feuerbach quer do comunismo de Moses Hess quer ainda do anarquismo de Proudhon.

Da sua educação em Humanidades e na sua convivência com o aristocrata Ludwig von Westphalen, seu futuro sogro, Marx assimilou a concepção antro-po-epistemo-ontológica de outro aristocrata: Aristóteles.

Enquanto adolescente foi educado nos ideais da *Aufklärung* e durante a sua passagem pela *Hochschule* de Trier sofre a influência do kantismo³.

Na Universidade, ainda não é materialista, mas atrai-o a filosofia mecanicista e atomista de Demócrito e de Epicuro. A sua tese de final de curso é precisamente sobre a diferença entre um e outro. Preocupa-o o problema da *liberdade*⁴.

Muito diferentemente da concepção romântica e hegeliana de uma *Razão* não absoluta, mas *absolutista* e *astuta* realizando-se no tempo e “não atribuindo ser-axiológico à pessoa senão na medida em que ela se ‘devota’ a uma ‘ordem moral do mundo’ suprapessoal e supra-individual, ou a um Estado e a uma evolução cultural constituindo elas sim o suporte axiológico supremo”⁵, para os filósofos das Luzes o homem é livre por natureza e ele o único responsável pelos seus actos de que terá que responder, segundo Kant, não no Céu ou no Inferno, mas na História. Fora um problema para a *Aufklärung* como conciliar o mecanicismo galilaico-newtoniano com a crença na liberdade natural do Homem. A filosofia de Epicuro fornecia a Marx a chave para a compreensão dos actos humanos não na natureza, mas na História.

Nos primeiros anos da sua carreira como jornalista, o liberalismo kantiano e iluminista entrelaçado com a tradição aristotélica, continua presente nos artigos agora publicados na *Rheinische Zeitung*⁶. Marx caminha lenta, mas inexoravelmente, através da crítica, para a superação da hegemonia hegeliana mesmo à custa do rompimento das amizades que

o uniam aos seus colegas liberais, particularmente os irmãos Bauer. As suas dúvidas e interrogações, irão ajudá-lo a superá-las, primeiro Moses Hess, depois Feuerbach e finalmente Frederick Engels.

O conhecimento dos socialistas “utópicos” é decisivo para a inflexão intelectual de Marx em direcção ao socialismo e ao comunismo. Os *Manuscritos*... de 1844 e as *Teses*, são significativas da sua evolução intelectual. Se Aristóteles é citado uma única vez, em contrapartida cita, agora bastantes vezes, Cabet, Fourier, Owen, Proudhon, Saint-Simon, Weitling⁷.

Marx não aprova os princípios nem os postulados quer da Economia Política quer da filosofia de Hegel. Tal como Sócrates, finge aceitar o seu vocabulário para com igual ironia – aquela ironia marxiana que o acompanhará em todos os seus escritos – melhor evidenciar as contradições, a falta de rigor e insustentabilidade das interesses liberais. Usa a terminologia deles porque está a lê-los e a interpretá-los e porque tal dialecto filosófico está em moda e circula com livre curso entre os seus antigos colegas da Universidade e amigos, os futuros *ideólogos* alemães.

Em contrapartida, apoia-se durante toda a sua reflexão e nas notas que vai tomando, nos pontos de vista epistemo-ontológicos do comunismo e do socialismo. O socialismo “utópico” particularmente de Proudhon a quem cita profusamente, e o *naturalismo* de Ludwig Feuerbach fornecem-lhe a aparelhagem abstracta e conceptual para a sua crítica e interpretação das insuficiências e ilusões quer da Economia clássica quer do hegelianismo.

⁶ Apenas um exemplo, a propósito das influências de Kant: na sua *Crítica à filosofia do Direito de Hegel*, Marx opõe actividade prática ético-política a actividade teórica ou especulativa, quando escreve:

“A única libertação prática possível da Alemanha é a libertação do ponto de vista da teoria que declara o homem como a essência suprema do homem” (*Die einzig praktisch mögliche Befreiung Deutschlands ist die Befreiung auf dem Standpunkt der Theorie, welche den Menschen für das höchste Wesen des Menschen erklärt*). Marx, *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie*, in *Ausgewählte Werke*, Berlin, Dietz Verlag, 1972, Band I, p. 25).

Segundo G. Gurvitch, Marx só se liberta definitivamente da influência quer do kantismo quer do hegelianismo quando escreve entre Dezembro de 1846 e Abril de 1847 *A miséria da filosofia*. Cf.: *Dialéctica e sociologia*, trad. de Manuel Dias Duarte, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1971.

Não deixa, porém, de ser indicativo que *O Capital* receba o subtítulo de *Crítica da Economia Política* já que do que nele se trata é da origem, natureza, valor e limites do capitalismo.

É significativo para a tese que sustentamos – de que Marx é mais kantiano que hegeliano –, o título da obra de Engels, *L. Feuerbach e o desfecho da filosofia clássica alemã*, que revela bem como Feuerbach não só pôs fim a toda a especulação espiritualista e liberal denunciando Hegel como o Proclo alemão como ajudou Marx e ele próprio a libertarem-se do hegelianismo. É igualmente significativo que Engels publique na mesma altura, estamos em 1886, as *Teses sobre Feuerbach* com as emendas que se acha no direito de fazer.

⁷ O grande ausente é Max Stirner que já publicara dois artigos entre 1842 e 1844 na *Rheinische Zeitung* de Marx. Só aparecerá em *A ideologia alemã* que nunca será publicada em vida de seus autores. Kant, sempre presente nas cartas a Arnold Ruge, apenas será citado uma vez em *A sagrada família*.

Foi através de L. von Westphalen que o jovem Marx teve o seu primeiro contacto com a doutrina do socialista Saint-Simon, outro aristocrata (Karl Marx, *Biografia*, Lisboa-Moscovo: Editorial “Avante” – Edições Progresso, 1983, p. 21).

³ A escola era dirigida por um kantiano, Hugo Wyttenbach, professor de História de Karl e amigo da família Marx. Cf. D. McLellan, *Karl Marx, his life and thought*, Hong Kong, Papermac, 1987, p. 9.

⁴ Procurando libertar-se do liberalismo kantiano da sua adolescência, e do hegelianismo dominante na Universidade, escolhe para tema da sua tese de doutoramento dois filósofos materialistas gregos: Demócrito e Epicuro. O problema que atormenta Marx é claro. Como pode o homem ser livre e responsável num mundo determinado, num mundo que “existe sem ele [o espírito]”, num mundo sujeito a leis inflexíveis e deterministas segundo um dos postulados da *Aufklärung*. Escreve Marx:

“É uma lei psicológica que o espírito teórico, tendo-se tornado em si mesmo livre, se volta para a energia prática e, emergindo como a vontade do mundo sombrio de Amentes, volte-se contra a realidade do mundo que existe sem ele” (*As diferenças entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro*, Parte I, Cap. IV).

⁵ M. Scheler, *Le formalisme en éthique et l'éthique matérielle des valeurs*, Paris: Gallimard, 1954, p. 504.

II

Para uma crítica da actividade poiética

Que nos diz a tradição humanista grega acerca da classificação das ciências e das actividades?

Dá-se o caso de ter sido Aristóteles o primeiro a classificá-las. Para o Estagirita, os conhecimentos — outros preferem os termos *saberes* ou *ciências* — são três: o conhecimento *teorético* (ἐπιστήμη θεωρητική), o conhecimento *prático* (ἐπιστήμη πρακτική) e o conhecimento *poiético* (ἐπιστήμη ποιητική). A *técnica* (τέχνη) é a virtude da inteligência poiética. A ἐπιστήμη é a ciência da inteligência teorética.

O conceito de actividade na filosofia grega traduz-se ora por ἐνέργεια (acto, actualização, acção) ora por δύναμις, a *potentia* escolástica. Com base nesta distinção, o Estagirita admite três espécies de actividades: a *actividade teorética*, a actividade por excelência do homem livre e senhor de si, a *actividade praxica* e a *actividade poiética*.

De acordo com Aristóteles, a *actividade poiética* tem por objecto a produção e “para as ciências que tendem à produção é no próprio ser que produz que reside o princípio, seja o intelecto, seja a arte, seja [outra] faculdade qualquer” (*Metafísica*, E I 1025 b).

A ciência poiética enquanto *ciência da produção* propõe-se realizar uma ποίησις, algo que é sempre *exterior* ao artista (τεχνίτης)⁸. É, pois, uma actividade transitiva, visa a produção (a construção de uma casa, por exemplo). Todas as *ciências poiéticas* são dinâmicas (δυνάμεις) porque são *princípios de mudança*. Na *poiesis*, a actividade é transitiva, é *movimento* (κίνησις), pois tende sempre à realização de qualquer obra (ἔργον) fora do agente⁹.

A tradição escolástica, alheando-se da actividade produtiva, acabou por dividir a Filosofia enquanto corpo sistemático de saberes, em teórica e prática, incluindo nesta última a Ética, a Política e a Economia.

A distinção aristotélica entre conhecimento teorético ou *contemplativo*, conhecimento *praxico* e conhecimento *poiético* reaparece em Kant (1724-1804) com as suas *Críticas da razão pura*, da *razão prática* e do *juízo*, esta última nada mais sendo que uma crítica da *poiesis*, ou seja, de toda a produção, mas particularmente da produção estético-artesanal. Esta mesma ligação da Estética à produção reaparece em Marx. Escreve ele:

“A produção prática de um mundo de ob-jectos¹⁰, o trabalhar da natureza inorgânica é a confirmação do ser humano¹¹ como um ser genérico consciente...”

⁸ Produzir para um grego, bem como para um escolástico, é *pro-ducere*, conduzir para diante, trazer à luz.

⁹ ἔν ἐργον que significa *no estado de* ἔργον, ou seja, no estado de *trabalho difícil e penoso*.

¹⁰ Foi Kant o primeiro a forjar a distinção entre *Objekt* e *Gegenstand*.

O primeiro termo é latino: de *ob* (diante de) e *jectum* (o que está lançado). É o *objecto do conhecimento*. Assume o significado do português *assunto* como na frase: a sociologia tem por *objecto* (*tema* ou *assunto*) os fenómenos sociais.

Gegenstand — de origem germânica — é o *objecto da experiência*. São as coisas materiais que estão *diante de nós*, que nos rodeiam. Traduziremos por *ob-jecto*.

Em Marx, tal como em Kant, a *Natureza* é um *Gegenstand* que nos envolve e da qual fazemos parte e um *Objekt* das ciências físico-químicas.

Na verdade, o animal também produz. Constrói para si um ninho, habitações, como a abelha, o castor, a formiga, etc. Sózinho ele produz apenas o que precisa imediatamente para si ou para a sua cria; produz unilateralmente enquanto o ser humano produz universalmente; produz apenas sob o domínio da carência física imediata enquanto o ser humano produz mesmo livre da carência física e só produz verdadeiramente quando livre de a mesma; ele produz-se apenas a si mesmo enquanto o ser humano reproduz a natureza inteira...

O animal forma apenas segundo a medida e a carência da species a que pertence, enquanto o ser humano sabe produzir segundo a medida de qualquer species e sabe aplicar por toda a parte a medida inerente ao ob-jecto: por isso o ser humano forma também segundo as leis da beleza.¹²

No século das Luzes é o próprio KANT a sustentar a divisão tradicional da Filosofia em teórica e prática: “*Toda a filosofia é ou teórica ou prática. A teórica é a regra do conhecimento, a prática a regra do comportamento no que respeita ao livre arbítrio. A diferença da filosofia teórica da filosofia prática é o objecto. A teórica tem por objecto a teoria e a prática a práxis*”¹³.

Para Kant, o *prático* concerne “ao que é possível mediante a liberdade” (*K.r.V.*, A 800/ B 828). A razão prática é, pois, a razão moral.

E como era entendido nos manuais de filosofia da época, à parte prática da Filosofia continuam a pertencer a Ética, a Política e a Economia.

Entre os empiristas e os economistas clássicos, a *actividade* é algo de concreto e confinado ao comércio e à manufatura. É Hegel o primeiro a reflectir filosoficamente sobre o conceito de *actividade* identificando-o com o *trabalho*. Tal identificação abusiva não escapa ao espírito crítico de Marx, pois comenta:

“Hegel adopta o ponto de vista da moderna Economia Política. Capta o *trabalho* como a *essência*, como a *essência* comprovada do homem; só vê o lado positivo do trabalho e não o seu lado negativo.”¹⁴

¹¹ Traduzimos *Mensch* por *ser humano*, termo abrangente tanto em alemão como em português. Quando Marx se quer referir ao *homem* ou à *mulher* escreve *Mann* ou *Frau*.

¹² “*Das praktische Erzeugen einer gegenständlichen Welt, die Bearbeitung der unorganischen Natur ist die Bewährung des Menschen als eines bewußten Gattungswesens...*”

Zwar produziert auch das Tier. Es baut sich ein Nest, Wohnungen, wie die Biene, Biber, Ameise etc. Allein es produziert nur, was es unmittelbar für sich oder sein Junges bedarf; es produziert einseitig, während der Mensch universell produziert; es produziert nur unter der Herrschaft des unmittelbaren physischen Bedürfnisses, während der Mensch selbst frei vom physischen Bedürfnis produziert und erst wahrhaft produziert in der Freiheit von demselben; es produziert nur sich selbst, während der Mensch die ganze Natur reproduziert...

Das Tier formiert nur nach dem Maß und dem Bedürfnis der species, der es angehört, während der Mensch nach dem Maß jeder species zu produzieren weiß und überall das inhärente Maß dem Gegenstand anzulegen weiß; der Mensch formiert daher auch nach den Gesetzen der Schönheit.” Karl Marx, *Ökonomisch-philosophische Manuskripte* (Doravante: *Manuscriptos...*), Leipzig, Verlag Philipp Reclam jun., 1974, p. 158

¹³ “*Alle Philosophie ist entweder theoretisch oder praktisch. Die theoretische ist die Regel der Erkenntnis, die praktische ist die Regel des Verhaltens in Ansehung der freien Willkür. Der Unterschied der theoretischen von der praktischen Philosophie ist das Objekt. Die theoretische hat zum Objekt die Theorie, und die praktische die Praxis.*” Cit. por J. Barata-Moura, *A práxis para Kant* in Kant, comunicações apresentadas ao Colóquio “Kant” organizado pelo Departamento de Filosofia em 25/11/1981, Lisboa, Faculdade de Letras, 1982, p. 141.



Hegel não distingue pois entre *actividade* (teórica ou prática) e *trabalho* e “o que apenas conhece e reconhece é o *trabalho intelectual abstracto* (ist die *abstrakt geistige*)”¹⁴, a *velha actividade contemplativa* ou *teorética*.

O perspectivismo de Marx é distinto. Ao criticar Hegel nem concorda com a concepção economicista de *actividade* mesmo quando emprega expressões como “actividade produtiva” nem com os aspectos pseudo-positivos do trabalho reconhecidos por Hegel. O trabalho a que se refere Hegel é apenas “o *dever para si* do ser humano no interior da *espoliação* ou enquanto *ser humano espoliado*”¹⁶.

Para Marx, “a Economia Política oculta a alienação na essência do trabalho pois não considera a relação imediata entre o trabalhador (o *trabalho*) e a produção.”¹⁷

Independentemente do valor e do papel que possa ter assumido e que assumiu na História, o *trabalho* é sempre *trabalho alienado*. *Trabalho* e *trabalho alienado* são sinónimos. Acrescentar o adjectivo “alienado” ao substantivo “trabalho” é um pleonasmo. Escreve Marx:

Precisamente no trabalhar do mundo dos ob-jectos dá provas o ser humano primeiro, portanto, como um *ser genérico* de facto. Esta produção é sua vida genérica operante. Através dela a natureza aparece como a sua obra e a sua realidade¹⁸. O ob-jecto do trabalho é portanto o *ob-jectivamento*¹⁹ da *vida genérica do ser humano*: quando ele se duplica de facto não só intelectualmente como [ocorre] na consciência, mas operantemente e se intui a si mesmo, portanto, num mundo criado por ele.

Por conseguinte ao arrancar do ser humano o ob-jecto da sua produção, o trabalho alienado arranca-lhe a sua *vida genérica*, a sua ob-jectualidade genérica efectiva e transforma a vantagem [que tem] face ao animal na desvantagem de lhe ser tirado o seu corpo-físico²⁰ inorgânico, a natureza.

Igualmente quando o trabalho alienado degrada a autoactividade, a actividade livre, a [simples] meio, transforma a vida genérica do homem num meio da sua existência física.²¹

O trabalho alienado faz do “ser genérico do ser humano... um ser (*Wesen*) *alheio* a ele, um *meio* da sua *existência individual*” (*idem*, p. 159).

¹⁴ “Hegel steht auf dem Standpunkt der modernen Nationalökonomien. Er erfährt die Arbeit als das Wesen, als das sich bewährende Wesen des Menschen; er sieht nur die positive Seite der Arbeit, nicht ihre negative”. Marx, Manuscritos... p. 235.

¹⁵ *Idem*, p. 235.

¹⁶ “Die Arbeit ist das Fürsichwerden des Menschen innerhalb der Entäußerung oder als entäußerter Mensch” *idem*, p. 235.

Traduzimos *Entäußerung* por *espoliação* a partir de *entäußern*, *desfazer-se de*, *renunciar a*. Há quem traduza *Entäußerung* por *exeriorização* já que se traduz *Außerlichkeit* por *exerioridade*. Outros preferem traduzir *Entäußerung* por *alienação* e até por *externação* (Barata-Moura, 1986).

¹⁷ *Idem*, p. 154.

¹⁸ Em sentido etimológico, *Wirklichkeit* (de *wirken*=actuar, efectuar qualquer coisa) deveria traduzir-se por *efectividade*. Em sentido aristotélico, deveríamos traduzir *Wirklichkeit* por *actualidade* (passagem a acto do que está em potência). Por subserviência à tradição hegeliana aceita-se traduzir por *realidade efectiva*.

¹⁹ *Vergegenständlichung*, à letra: *coisificação*, é traduzido por *ob-jectivação*. Nós preferimos *objectivamento* para reflectir o *dever material*, coisal do ob-jecto.

²⁰ Traduzimos *Leib* por *corpo-físico* de cada um para o distinguir de *Körper* mais abstrato (como em *corpo policial*, *corporação*, etc.).

Uma consequência imediata disto — que as pessoas estão alienadas do produto do seu trabalho, da sua actividade vital, do seu ser genérico —, é que a pessoa se aliena das outras pessoas, tal como cada uma delas da sua essência humana.

Ou seja, quando o *trabalho alienado* se identifica com a *actividade vital consciente e livre*, as pessoas deixam de ser vistas como *peçoas*, e passam ser vistas apenas como *trabalhadores*: “Assim, na sua relação do trabalho alienado, cada ser humano considera o outro segundo a bitola (*Maßstab*) e a relação na qual ele mesmo se encontra como trabalhador” (*idem*, p. 160).

Há razões históricas que explicam porque os economistas clássicos, na sua luta contra o Feudalismo, decidiram defender o capitalismo como *actividade* necessariamente *inerente* à *natureza humana* e a implementação das relações burguesas como a reposição do *estado natural*. Os comunistas e os socialistas (“utópicos”) não devem, porém, cair no mesmo erro. “Não nos transponhamos, afirma Marx, como o economista político, quando quer explicar, para um estado originário fictício (*in einem nur erdichteten Urzustand*)” (*idem*, p. 151).

É precisamente esta pretensão *moderna* de postular um fictício estado natural que Marx denuncia. A *vida é actividade*. A divisão capitalista do trabalho é *apenas* uma forma particular da actividade produtiva e não uma forma *universal absoluta e definitiva* como o pretendem os economistas políticos. *Actividade*, *actividade produtiva* e *trabalho* só coincidem, em sua pretensa *unidade*, na cabeça dos economistas políticos. Se persistirmos em fazer coincidir a *actividade* como o *trabalho* significa isso que não nos libertámos do “positivismo acrítico” e erigimos em valores universais os valores burgueses, particularmente os valores do *ter* e da *posse privada*.

Deixemos o mito do *estado natural*. Mas já agora, para reflectir e tentar ver claras as relações entre *actividade* e *trabalho*, partamos, como o próprio Marx enuncia com ironia socrática, dos “pressupostos da Economia Política e de um facto económico-político *presencial* (*gegenwärtig*)”. Que facto económico-político *presencial* é esse?

“O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e em extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata quanto mais mercadorias cria.

²¹ “Eben in der Bearbeitung der gegenständlichen Welt bewährt sich der Mensch daher erst wirklich als ein Gattungswesen. Diese Produktion ist sein wirkliches Gattungsleben. Durch sie erscheint die Natur als sein Werk und seine Wirklichkeit. Der Gegenstand der Arbeit ist daher die Vergegenständlichung des Gattungslebens des Menschen: indem er sich nicht nur wie im Bewußtsein intellektuell, sondern werktätig, wirklich verdoppelt und sich selbst dabei in einer von ihm geschaffenen Welt anschaut.

Indem dabei die entfremdete Arbeit dem Menschen den Gegenstand seiner Produktion entreißt, entreißt sie ihm sein Gattungsleben, seine wirkliche Gattungsgegenständlichkeit und verwandelt seinen Vorzug vor dem Tier in den Nachteil, daß sein unorganischer Leib, die Natur, ihm entzogen wird.

Ebenso indem die entfremdete Arbeit die Selbsttätigkeit, die freie Tätigkeit, zum Mittel herabsetzt, macht sie das Gattungsleben des Menschen zum Mittel seiner physischen Existenz.” Marx, Manuscritos... pp. 158-159.

Práxis, Actividade e Trabalho

Com a *valorização* do mundo das coisas aumenta a *desvalorização* do mundo dos homens, em proporção directa. O trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e na proporção em que produz mercadorias em geral.

Este facto nada mais expressa de que: o objecto que o trabalho produz, o seu produto, defronta-se-lhe como uma *essência estranha*, como um *poder independente* do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objecto, se fez coisa, é o *objectivamento* do trabalho. A realização²² do trabalho é o seu *objectivamento*. Esta realização do trabalho aparece no estado económico-político como *desrealização* do trabalhador, o *objectivamento* como *perda e servidão do objecto*, a apropriação como *alienação*, como *espoliação*.

A realização do trabalho aparece de tal maneira como *desrealização*, que o trabalhador se desrealiza até à morte pela fome. O *objectivamento* aparece de tal maneira como perda do objecto, que o trabalhador é despojado dos objectos mais necessários, não apenas para a vida, mas também dos objectos para o trabalho. Sim, o próprio trabalho torna-se um objecto de que ele só com os maiores esforços e com as mais irregulares interrupções se pode apossar-se. A apropriação do objecto aparece tanto como alienação que, quanto mais objectos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais cai sob o domínio do seu produto, o capital.²³

"Portanto quanto maior esta actividade, tanto mais privado-de-objectos (*gegenstandslos*) está o trabalhador,"²⁴ escreve ainda Marx. E a própria realidade social que o trabalhador criou manifesta agora as mesmas características onto-epistemológicas do *mundo natural*, ou seja, *cognoscibilidade, materialidade e autonomia*:

"A espoliação do trabalhador no seu produto tem o significado não só que o seu trabalho se torna um objecto, uma existência *exterior*, mas também que ele passa a existir *exterior a ele*, independente, alheio a ele e tornado um

²² Se *Wirklichkeit* se traduz-se por *realidade*, *Verwirklichung* deveria traduzir-se por *realização* e *Entwirklichung* por *realizamento* inautêntico ou *desrealizamento*. Acontece que o termo *desrealização* entrou já no vocabulário popular, no sentido por exemplo, de alguém que não se sente realizado (no trabalho, no casamento, etc.). Consequentemente, traduziremos *Verwirklichung* simplesmente por *realização* e *Entwirklichung* por *desrealização*.

²³ "Der Arbeiter wird um so ärmer, je mehr Reichtum er produziert, je mehr seine Produktion an Macht und Umfang zunimmt. Der Arbeiter wird eine um so wohlfeilere Ware, je mehr Waren er schafft. Mit der Verwertung der Sachenwelt nimmt die Entwertung der Menschenwelt in direktem Verhältnis zu. Die Arbeit produziert nicht nur Waren; sie produziert sich selbst und den Arbeiter als eine Ware, und zwar in dem Verhältnis, in welchen sie überhaupt Waren produziert."

Dies Faktum drückt weiter nichts aus als: Der Gegenstand, den die Arbeit produziert, ihr Produkt, tritt ihr als ein fremdes Wesen, als eine von dem Produzenten unabhängige Macht gegenüber. Das Produkt der Arbeit ist die Arbeit, die sich in einem Gegenstand fixiert, sachlich gemacht hat, es ist die Vergegenständlichung der Arbeit. Die Verwirklichung der Arbeit ist ihre Vergegenständlichung. Diese Verwirklichung der Arbeit erscheint in dem nationalökonomischen Zustand als Entwirklichung des Arbeiters, die Vergegenständlichung als Verlust und Knechtschaft des Gegenstandes, die Aneignung als Entfremdung, als Entäußerung.

Die Verwirklichung der Arbeit erscheint so sehr als Entwirklichung, daß der Arbeiter bis zum Hungertod entwirklicht wird. Die Vergegenständlichung erscheint so sehr als Verlust des Gegenstandes, daß der Arbeiter der notwendigsten Gegenstände, nicht nur des Lebens, sondern auch der Arbeitsgegenstände, beraubt ist. Ja, die Arbeit selbst wird zu einem Gegenstand, dessen er nur mit der größten Anstrengung und mit den unregelmäßigsten Unterbrechungen sich bemächtigen kann. Die Aneignung des Gegenstandes erscheint so sehr als Entfremdung, daß, je mehr Gegenstände der Arbeiter produziert, er um so weniger besitzen kann und um so mehr unter die Herrschaft seines Produkts, des Kapitals, gerät." Marx, *Manuscritos...*, pp. 151-152.

²⁴ "Je größer also diese Tätigkeit, um so gegenstandsloser ist der Arbeiter." *Idem*, p. 152.

poder autónomo frente a ele, que a vida que ele conferiu ao objecto o defronta estranha e inimiga."²⁵ (*Manuscritos...* p. 152).

Estamos agora inseridos em dois mundos autónomos, para nós, materiais e objectivos, mas onde nós nos sentimos como que despojados, uns *estranhos*.

"O trabalhador nada pode fazer sem a *natureza*, sem o *mundo exterior sensorial*. Este é o material no qual se realiza o seu trabalho, no qual este é activo, a partir do qual e mediante o qual ele [o trabalho] produz."²⁶

A natureza oferece os *meios de vida* do trabalho e os *meios de subsistência física* do trabalhador. Acontece na *sociedade presente* que quanto mais o trabalhador se apropria do mundo exterior, tanto mais se vê privado dos meios de vida e dos meios de subsistência. O trabalhador torna-se assim servo, primeiro, ao ter que receber *trabalho*, arranjar trabalho; segundo, ao ter que conseguir arranjar meios de subsistência.

Na sociedade actual, as pessoas vêm-se assim reduzidas à condição única de *trabalhadores*: "O extremo desta servidão é que ele [o trabalhador] apenas como *trabalhador* se [pode] manter como *sujeito físico* e apenas como *sujeito físico* é trabalhador" (*Manuscritos...* p. 153). Só trabalha para poder viver, só vive para o trabalho. E o empresário não o vê como *pessoa*, mas simplesmente como *trabalhador*.

O trabalho é tão alienante e alienado que "produz maravilhas para os ricos, mas produz despojamento para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas mutilação para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte máquinas. Produz espírito, mas produz idiotia, cretinismo para o trabalhador."²⁷ (*Manuscritos*, p. 154).

A alienação coincide com a *espoliação* e o *despojamento* das potencialidades do homem *só enquanto* trabalhador. E consequentemente: a) na sua relação com os produtos do trabalho; b) e dentro da própria *actividade produtiva*, ou seja, no *acto* da produção. Escreve Marx:

²⁵ "Die Entäußerung des Arbeiters in seinem Produkt hat die Bedeutung, nicht nur, daß seine Arbeit zu einem Gegenstand, zu einer äußern Existenz wird, sondern daß sie außer ihm, unabhängig, fremd von ihm existiert und eine selbständige Macht ihm gegenüber wird, daß das Leben, was er dem Gegenstand verliehen hat, feindlich und fremd gegenübertritt." Marx, *Manuscritos...* pág. 152.

²⁶ "Der Arbeiter kann nichts schaffen^a ohne die Natur, ohne die sinnliche Außenwelt. Sie ist der Stoff, an welchem sich seine Arbeit verwirklicht, in welchem sie tätig ist, aus welchem und mittelst welchem sie produziert^b." Marx, *Manuscritos...* p. 153.

^a *Schaffen* como verbo transitivo significa *criar, realizar, produzir*. Como verbo intransitivo significa *trabalhar, ser activo*. Em português o verbo *fazer* condensa ambos os sentidos transitivo e intransitivo.

^b A *actividade*, o *trabalho* e a *produção*, três coisas distintas para Marx, mas no entanto, todas elas exigindo a presença da *matéria* enquanto categoria ontológica e epistemológica.

²⁷ "Die Arbeit produziert Wunderwerke für die Reichen, aber sie produziert Entblößung für den Arbeiter. Sie produziert Paläste, aber Höhlen für den Arbeiter. Sie produziert Schönheit, aber Verkrüppelung für den Arbeiter. Sie ersetzt die Arbeit durch Maschinen, aber sie wirft einen Teil der Arbeiter zu einer barbarischen Arbeit zurück und macht den andren Teil zur Maschine. Sie produziert Geist, aber sie produziert Blödsinn, Kretinismus für den Arbeiter." Marx, *Manuscritos...*, p. 154.

"O produto é apenas o resumo da actividade, da produção. Se por conseguinte o produto do trabalho é espoliação, então a própria produção tem que ser a espoliação activa, a espoliação da actividade, a actividade da espoliação. Na alienação do objecto do trabalho resume-se apenas a alienação, a espoliação na actividade do próprio trabalho."²⁸

Em que consiste então a espoliação do trabalho alienado?

"Primeiro, que o trabalho é *exterior* ao trabalhador, ou seja, não pertence à sua essência..."²⁹ (*Manuscritos...* p. 155)

Que quer isto dizer? Que o trabalho *alienado* não pertence à essência do *trabalhador* ou simplesmente que o *trabalho* não pertence à essência das *pessoas*? De imediato, significa que o *pessoa-trabalhadora* "não se afirma, mas se nega no seu trabalho, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve energia espiritual e física livre, antes mortifica a sua natureza"³⁰ e arruina o seu espírito."

Comenta Marx:

"Daí que o trabalhador só se sinta bem fora do trabalho e no trabalho mal. Sente-se como que em casa quando não trabalha e quando trabalha não se sente como em casa. O seu trabalho não é portanto voluntário, mas compulsório, trabalho forçado. Por conseguinte, não é a satisfação de uma carência, mas apenas um meio para satisfazer carências fora do trabalho. Que logo que não exista coerção física ou qualquer outra se fuja do trabalho como de uma peste, aí emerge pura a sua alienação."³¹

O trabalho que desenvolve, o trabalho em que a pessoa se desrealiza, é ao contrário da *actividade* livre, um trabalho de autosacrifício, de mortificação.

Finalmente, mostra-se a exterioridade (*Äußerlichkeit*) do trabalho para o trabalhador nisto: "que ele [o trabalho] não é dele, mas de um outro, que ele não lhe pertence, que nele ele não pertence a si mesmo, mas a um outro" (*idem*).

²⁸ "Das Produkt ist ja nur das Resümee der Tätigkeit, der Produktion. Wenn also das Produkt der Arbeit die Entäußerung ist, so muß die Produktion selbst die tätige Entäußerung, die Entäußerung der Tätigkeit, die Tätigkeit der Entäußerung sein. In der Entfremdung des Gegenstandes der Arbeit resümiert sich nur die Entfremdung, die Entäußerung in der Tätigkeit der Arbeit selbst." Marx, *Manuscritos...*, p. 154.

²⁹ "Erstens, daß die Arbeit dem Arbeiter äußerlich ist, d. h. nicht zu seinem Wesen gehört..." (*idem*, p. 155).

³⁰ Marx escreveu grafado em caracteres latinos o termo *Physis* que para um grego significa natureza.

³¹ "Der Arbeiter fühlt sich daher erst außer der Arbeit bei sich und in der Arbeit außer sich. Zu Haus ist er, wenn er nicht arbeitet, und wenn er arbeitet, ist er nicht zu Haus. Seine Arbeit ist daher nicht freiwillig, sondern gezwungen, Zwangsarbeit. Sie ist daher nicht die Befriedigung eines Bedürfnisses, sondern sie ist nur ein Mittel, um Bedürfnisse außer ihr zu befriedigen. Ihre Fremdbelt tritt darin rein hervor, daß, sobald kein physischer oder sonstiger Zwang existiert, die Arbeit als eine Pest geflohen wird." Marx, *Manuscritos...* p. 155.

³² Em rigor, Marx é o introdutor do método e do raciocínio analógicos nas ciências sociais.

E Marx sempre recorrendo à analogia³², comenta uma vez mais:

"Assim como na religião, a auto-actividade da fantasia humana, do cérebro humano e do coração humano actua independentemente sobre o indivíduo, ou seja, como uma actividade alheia, divina ou diabólica, assim também a actividade do trabalhador não é a sua autoactividade."³³

Registemos: *a actividade do trabalhador não é a sua autoactividade*. Pertence a um outro, é a perda de si mesmo. O trabalho pode ser entendido como uma forma entre outras de actividade, mas nunca será autoactividade, uma actividade *própria*, constitutiva do homem, uma *Selbsttätigkeit*.

Uma vez mais se impõe aqui a analogia com a religião. Marx está procedendo a uma análise crítica da actividade poética partindo dos pressupostos do naturalismo e do ateísmo de Feuerbach. Segundo o *Genesis*, a pessoa não estava destinada a trabalhar, mas apenas a fruir. Foi a desobediência que nos impôs o trabalho como castigo. O trabalho é, pois, uma expiação se quisermos. E alguém tem de vigiar para que se cumpra a pena.

Condensando a análise que faz do "acto de alienação da actividade prática, o trabalho", Marx conclui:

"Chega-se pois ao resultado que o ser humano (o trabalhador) só se sente mais livremente activo nas suas funções animais, comer, beber e procriar, e sobretudo quando tem uma casa, adornos, etc., e mais como animal em suas funções humanas."³⁴

O conceito de natureza e de natureza humana

Der Mensch ist ein Gattungswesen. O ser humano é um ser genérico. Devemos traduzir *Gattungswesen* por *ser genérico* ou por *essência genérica*? Que devemos entender por *ser genérico*?

Gattungswesen, termo do gosto de Feuerbach, caiu em desuso e apenas o marxismo do século xx o trouxe de novo à vida intelectual e filosófica. Para Hegel (*cf.*: *Enciclopédia*, § 177) e para os neo-hegelianos, o *género* (*die Gattung*) era o universal concreto. Dizer que o ser humano era um ser genérico significava que o ser humano era capaz de se elevar acima da sua individualidade e reconhecer-se como pertencente à Humanidade arcando com todas as consequências positivas e negativas desse reconhecimento.

Feuerbach prefere dar-lhe uma conotação mais *sensorial*. E a língua alemã permite-lho. Na verdade, *Gattung*, da raiz *Gatte(in)* é da família do verbo *begatten*, acasalar³⁵. Esta mesma conotação aparece em Marx.

³³ "Wie in der Religion die Selbsttätigkeit der menschlichen Phantasie, des menschlichen Hirns und des menschlichen Herzens unabhängig vom Individuum, d. h. als eine fremde, göttliche oder teuflische Tätigkeit, auf es wirkt, so ist die Tätigkeit des Arbeiters nicht seine Selbsttätigkeit." Marx, *Manuscritos...* p. 155.

³⁴ "Es kommt daher zu dem Resultat, daß der Mensch (der Arbeiter) nur mehr in seinen tierischen Funktionen, Essen, Trinken und Zeugen, höchstens noch Wohnung, Schmuck etc., sich als freitütig fühlt und in seinen menschlichen Funktionen nur mehr als Tier." Marx, *Manuscritos...* p. 155.

Práxis, Actividade e Trabalho

Quando ele critica o projecto da “comunidade de mulheres”, fala da relação do *homem* com a *mulher* e no modo como é tomada a relação natural, *imediatamente* de acasalamento. A interpretação naturalista do termo é totalmente clara na afirmação seguinte:

“Ora é fácil dizer ao indivíduo singular o que já diz Aristóteles: foste gerado por teu pai e tua mãe, portanto em ti o acasalamento de dois seres humanos, logo um acto genérico dos seres humanos produziu o ser humano.”³⁶

A tradição que se inicia com Aristóteles e que define o homem como um animal racional e ao mesmo tempo como um animal político está igualmente presente no texto de Marx. Para Marx, todas as espécies têm um carácter genérico. Citemos:

“No modo de actividade vital reside o carácter inteiro de uma species, o seu carácter genérico, e a actividade consciente livre é o carácter genérico do ser humano.”³⁷

Parafraseando Aristóteles, Marx poderia dizer: o homem (*espécie*) é um animal (*género*) consciente (*diferença específica*). Mais propriamente são as seguintes as suas palavras:

“O animal é imediatamente uno com a sua actividade vital. Não se distingue dela. Ele é *ela*. O ser humano faz da sua própria actividade vital um objecto do seu querer e da sua consciência. Ele tem actividade vital consciente. Ela não é uma determinidade com a qual ele conflua imediatamente. A actividade vital consciente distingue o ser humano imediatamente da actividade vital animal. Ele é precisamente [e] apenas por isso um ser genérico. Ou ele é apenas um ser consciente, isto é, a sua própria vida lhe é objecto, precisamente porque ele é um ser genérico. Apenas por isso é a sua actividade actividade livre.”³⁸

Qual será então a melhor definição para *Gattungswesen*? A do próprio Marx:

“O ser humano é um ser genérico não só ao fazer pratica e teoricamente do género tanto do seu como do das outras coisas, o seu objecto... —, mas também na medida em que se comporta consigo enquanto género vivo, presente,

³⁵ Tal como em português, aliás, *género* provém de *genus*, *descendência*, e é da mesma família de *genere*, *gerar*, e *gerador*, mas também *gerente* e até do moderno *gerenciador*, conferindo ao termo os dois sentidos de *gerar* e *gerir*.

³⁶ “Nun ist es zwar leicht, dem einzelnen Individuum zu sagen, was Aristoteles schon sagt: Du bist gezeugt von deinem Vater und deiner Mutter, also hat in dir die Begattung zweier Menschen, also ein Gattungsakt der Menschen den Menschen produziert.” Marx, Manuscritos..., p. 196.

³⁷ “In der Art der Lebenstätigkeit liegt der ganze Charakter einer species, ihr Gattungscharakter, und die freie bewußte Tätigkeit ist der Gattungscharakter des Menschen.” Marx, Manuscritos..., p. 157.

³⁸ “Das Tier ist unmittelbar eins mit seiner Lebenstätigkeit. Es unterscheidet sich nicht von ihr. Es ist sie. Der Mensch macht seine Lebenstätigkeit selbst zum Gegenstand seines Wollens und seines Bewußtseins. Er hat bewußte Lebenstätigkeit. Es ist nicht eine Bestimmtheit, mit der er unmittelbar zusammenfließt. Die bewußte Lebenstätigkeit unterscheidet den Menschen unmittelbar von der tierischen Lebenstätigkeit. Eben nur dadurch ist er Gattungswesen. Oder er ist nur ein bewußtes Wesen, d.h., sein eignes Leben ist ihm Gegenstand, eben weil er ein Gattungswesen ist. Nur darum ist seine Tätigkeit freie Tätigkeit.” Marx, Manuscritos..., pp. 157-158.

e ainda na medida em que se comporta consigo como uma essência *universal* e portanto livre.”³⁹

A partir deste momento não devemos falar de *o Ser humano*, mas de *as pessoas*. *Der Mensch ist ein Gattungswesen* significa *o Ser humano são as pessoas*, as pessoas de carne e osso.

Partimos pois dos pressupostos do naturalismo de Feuerbach aceites por Marx e que o ajudaram a criticar quer a Economia Política quer o liberalismo neohegeliano. Em rigor não podemos falar ainda de materialismo, mas como o próprio Marx aceita, de “naturalismo acabado = humanismo”. Vejamos a concepção naturalista humanista do Homem:

“A vida genérica, tanto no ser humano como no animal, consiste fisicamente por um lado nisto: que o ser humano (como o animal) vive da natureza inorgânica e quanto mais universal o ser humano que o animal, mais universal é o âmbito da natureza inorgânica da qual ele vive.

Tal como as plantas, os animais, as pedras, o ar, a luz, etc. formam teoricamente uma parte da consciência humana, em parte como objectos da Ciência da natureza, em parte como objectos da Arte — a sua natureza inorgânica espiritual, meio de vida espiritual, que ele tem primeiro que preparar para a fruição e a digestão —, assim também elas formam praticamente uma parte da vida humana e da actividade humana.

Fisicamente o ser humano vive apenas destes produtos da natureza posam eles aparecer agora na forma de alimento, aquecimento, vestuário, habitação, etc. A universalidade do ser humano surge praticamente precisamente na universalidade que faz da natureza inteira o seu corpo inorgânico, tanto quanto ela é 1º. um meio de vida imediato; quanto [2.] a matéria, o objecto e o instrumento da sua actividade vital.

A natureza é o *corpo-físico inorgânico* do ser humano, a saber a natureza, na medida em que ela própria não é o corpo humano. O ser humano vive da natureza quer dizer: a natureza é o seu corpo-físico com o qual ele tem de se manter em permanente processo para não morrer. Que a vida física e espiritual do ser humano está interligada com a natureza, não tem outro sentido senão que a natureza está interligada consigo mesma, pois o ser humano é uma parte da natureza.”⁴⁰

³⁹ “Der Mensch ist ein Gattungswesen, nicht nur indem er praktisch und theoretisch die Gattung, sowohl seine eigne als die der übrigen Dinge, zu seinem Gegenstand macht... —, sondern auch indem, er sich zu sich selbst als der gegenwärtigen, lebendigen Gattung verhält, indem er sich zu sich als einem universellen, darum freien Wesen verhält.” Marx, Manuscritos..., p. 156.

⁴⁰ “Das Gattungsleben, sowohl beim Menschen als beim Tier, besteht physisch einmal darin, daß der Mensch (wie das Tier) von der unorganischen Natur lebt, und um so universeller der Mensch als das Tier, um so universeller ist der Bereich der unorganischen Natur, von der er lebt.”

Wie Pflanzen, Tiere, Steine, Luft, Licht etc. theoretisch einen Teil des menschlichen Bewußtseins, teils als Gegenstände der Naturwissenschaft, teils als Gegenstände der Kunst bilden — seine geistige unorganische Natur, geistige Lebensmittel, die er erst zubereiten muß zum Genuß und zur Verdauung —, so bilden sie auch praktisch einen Teil des menschlichen Lebens und der menschlichen Tätigkeit.

Physisch lebt der Mensch nur von diesen Naturprodukten, mögen sie nun in der Form der Nahrung, Heizung, Kleidung, Wohnung etc. erscheinen. Die Universalität des Menschen erscheint praktisch eben in der Universalität, die die ganze Natur zu seinem unorganischen Körper macht, sowohl insofern sie 1. ein unmittelbares Lebensmittel, als inwiefern sie [2.] die Materie, der Gegenstand und das Werkzeug seiner Lebenstätigkeit ist.

“Die Natur ist der unorganische Leib des Menschen, nämlich die Natur, soweit sie nicht selbst menschlicher Körper ist. Der Mensch lebt von der Natur beißt. Die Natur ist sein Leib, mit dem er in beständigem Prozeß bleiben muß, um nicht zu sterben. Daß das physische und geistige Leben des Menschen mit der Natur zusammenhängt, hat keinen andren Sinn, als daß die Natur mit sich selbst zusammenhängt, denn der Mensch ist ein Teil der Natur.” Marx, Manuscritos..., pp. 156-157.

Mais adiante, ao definir o ser humano como um ser genérico e ao afirmar que o “trabalhar (*Bearbeitung*) da natureza inorgânica é a confirmação do homem como um ser genérico consciente” acrescenta:

“Precisamente no trabalhar do mundo dos objectos dá provas o ser humano primeiro, portanto, como um *ser genérico* de facto. Esta produção é a sua vida genérica operante. Através dela a natureza aparece como sua obra e sua realidade.”⁴¹

Evidente se torna que a práxis é uma categoria antropológica e não ontológica. Não ontológica, insistimos, porque ontologicamente o ser humano nada é para além de um *Gattungswesen* mais biológica e *sensorial* que propriamente racional. Ontologicamente o ser humano nada é não porque ainda não tenha descoberto o que *realmente* ele é (só se descobre o que já existe), mas porque *pode vir a ser* o que ele *decidir querer ser* no quadro das condicionantes da sua *materialidade* (natural, social e espiritual) *envolvente*.

E a vida? O que é a vida?

“Consideramos o acto da alienação da actividade humana prática, o trabalho, sob dois aspectos.

1. A relação do trabalhador com o *produto do trabalho* como objecto alheio tendo poder sobre ele. Esta relação é simultaneamente a relação com o mundo exterior sensorial, com os objectos da natureza como um mundo alheio que se lhe defronta hostilmente.

2. A relação do trabalho com o *acto da produção* dentro do *trabalho*. Esta relação é a relação do trabalhador com a sua própria actividade como [actividade] alheia não pertencente a ele, a actividade como sofrimento, a força como impotência, a procriação como castração, a energia espiritual e física *própria* do trabalhador, a sua vida pessoal – pois o que é a vida senão actividade⁴² – como uma actividade voltada contra ele mesmo, independente dele, que lhe não é própria. A autoalienação, tal como acima a alienação da *coisa*.

[3.] Ainda temos de extrair uma terceira determinação do trabalho alienado das duas vistas até aqui.

O ser humano é um ser genérico...

Na medida em que o trabalho alienado aliena do ser humano 1. a natureza e 2. a si mesmo, a sua função activa própria, a sua actividade vital, assim [o trabalho] aliena do ser humano o *género*, faz da *vida do género* um meio da vida individual. Em primeiro lugar aliena a vida do género e a vida individual e em segundo lugar faz da última em sua abstracção um fim da primeira, igualmente na sua forma abstracta e alienada.”⁴³

Viver é *agir*, o homem é um ser bio-social, um *Gattungswesen*. O *trabalho é actividade produtiva alienada*. A alienação transforma o lugar do ser humano no mundo num lugar *estranho*, transforma o próprio ser humano num ser *estranho* para consigo e para com os outros. O indivi-

duo torna-se uma abstracção frente à sociedade e a sociedade uma abstracção frente ao indivíduo. Porque só se pode falar de *indivíduos* quando aceitamos os pressupostos da economia política e a própria formação económica e social civil-burguesa. Para a *Aufklärung* não há ainda *pessoas*, mas apenas *indivíduos* e para o liberalismo económico não pode haver *pessoas*, mas apenas *trabalhadores*⁴⁴.

Será esta concepção onto-epistemo-antropológica que irá igualmente apetrechar a argumentação de Marx para a sua refutação do socialismo utópico.

III – Para a crítica da actividade prática

Práxis (Πράξις) é palavra grega. Denota *um certo fazer*, mas também *negócio, transacção* e por extensão *acção moral*. De *práxis* deriva a palavra *πρακτικός* (*prático*) e *πραγματικά* ou *assuntos humanos* em geral.

A Πράξις opõe-se à ποιησις. Na *práxis*, a *actividade* é imanente, é ἐνέργεια. O seu fim último e primeiro é o *uso* e o *exercício*. A vista, a dança, o tocar cítara, a própria vida, para citar apenas os exemplos de Aristóteles, não têm outra finalidade se não o ver, o dançar, o tocar, o viver. É essa a sua *virtude*.

A Πράξις apresenta-se como uma actividade que não produz qualquer obra distinta do agente e que não tem outro fim a não ser a (εὐπραξία) *eupraxia*, o aperfeiçoamento do próprio agente. Considera as acções do homem (as πράξεις) relevando da προαίρεσις, ou seja, da escolha racional, deliberada e reflectida.

O *conhecimento prático* tem por objecto a *acção moral e política*. Não chega a ser ciência, mas *sabedoria prática* cujo fim é alcançar a perfeição moral do carácter (*eudemonia*) e o bem-estar comum. Às ciências

⁴³ “Wir haben den Akt der Entfremdung der praktischen menschlichen Tätigkeit, die Arbeit, nach zwei Seiten hin betrachtet. 1. Das Verhältnis des Arbeiters zum Produkt der Arbeit als fremden und über ihn mächtigen Gegenstand. Dies Verhältnis ist zugleich das Verhältnis zur sinnlichen Außenwelt, zu den Naturgegenständen als einer fremden, ihm feindlich gegenüberstehenden Welt. 2. Das Verhältnis der Arbeit zum Akt der Produktion innerhalb der Arbeit. Dies Verhältnis ist das Verhältnis des Arbeiters zu seiner eignen Tätigkeit als einer fremden, ihm nicht angehörig, die Tätigkeit als Leiden, die Kraft als Ohnmacht, die Zeugung als Entmannung, die eigne physische und geistige Energie des Arbeiters, sein persönliches Leben – denn was ist Leben [anders] als Tätigkeit – als eine wider ihn selbst gewendete, von ihm unabhängige, ihm nicht gebhörige Tätigkeit. Die Selbstentfremdung, wie oben die Entfremdung der Sache.

//XXIV/ Wir haben nun noch eine dritte Bestimmung der entfremdeten Arbeit aus den beiden bisherigen zu ziehn.

Der Mensch ist ein Gattungswesen...

Indem die entfremdete Arbeit dem Menschen 1. die Natur entfremdet, 2. sich selbst, seine eigne tätige Funktion, seine Lebenstätigkeit, so entfremdet sie dem Menschen die Gattung; sie macht ihm das Gattungsleben zum Mittel des individuellen Lebens. Erstens entfremdet sie das Gattungsleben und das individuelle Leben, und zweitens macht sie das letztere in seiner Abstraktion zum Zweck des ersten ebenfalls in seiner abstrakten und entfremdeten Form.” Marx, Manuscritos..., pp. 156-157.

⁴⁴ As próprias soluções dos socialistas e comunistas utópicos não resolvem o problema. Antes generalizam a condição de capitalista a toda a sociedade ou ao Estado e a condição de trabalhador a todo o cidadão. Ora do que se trata não é de *generalizar*, mas de *abolir* quer o capitalismo quer o trabalho transformando-se o ser humano em *pessoa* e o trabalho em *actividade*.

⁴¹ “Eben in der Bearbeitung der gegenständlichen Welt bewährt sich der Mensch daher erst wirklich als ein Gattungswesen. Diese Produktion ist sein werktätiges Gattungsleben. Durch sie erscheint die Natur als sein Werk und seine Wirklichkeit.” Marx, Manuscritos..., pp. 158-159.

⁴² Na edição alemã pode ler-se: “... – denn was ist Leben [anders] als Tätigkeit –...” (pois o que é a vida senão actividade). O advérbio *anders* não existe, porém, no original. Foi acrescentado pelo editor.

práticas pertencem a Ética enquanto ciência da conduta e da finalidade do homem enquanto *indivíduo*, e a Política enquanto estudo da conduta e da finalidade do homem como ser social. As ciências da acção (πραξις), a Ética, a Economia e a Política são afinal uma *φρόνησις*, ciências da *prudência* e da *jurisprudência*.

Para Aristóteles, se todas as acções humanas tendem para fins que são os bens que com elas se procuram, então todas as acções humanas e todos os fins devem estar subordinados a um fim último e primeiro, o *bem supremo*, aquele bem a que todos os homens chamam na Ética a *felicidade* e na Política o *bem estar*⁴⁵.

Mas o que é a felicidade? Para uns, consiste no *prazer* e no *gozo*. Para Aristóteles, tal felicidade converte os homens em escravos e redu-los à sua animalidade. As observações de Marx sobre o trabalhador alienado, o escravo dos tempos modernos, não são muito distintas.

"Chega-se pois ao resultado, que o ser humano (o trabalhador) só se sente mais livremente activo nas suas funções animais, comer, beber e procriar, e sobretudo quando tem uma casa, adornos, etc., e mais como um animal em suas funções humanas. O que é animal torna-se humano e o que é humano, animal.

Comer, beber e procriar, etc., são na verdade também funções genuinamente humanas. Todavia na abstracção que as separa do círculo restante da actividade humana e as faz fins últimos e exclusivos, são animais."⁴⁶

Ainda segundo o elenco de Aristóteles, para outros a felicidade é a honra. Homem honrado é homem feliz. Para outros ainda a acumulação de riquezas o que para o Estagirita constitui a mais absurda das existências. Poderemos acrescentar que os *Manuscritos*... são do princípio ao fim uma crítica desta concepção de felicidade.

Segundo Aristóteles, o bem supremo para o homem reside apenas no cultivo daquela actividade que o distingue dos outros seres vivos, a actividade racional ou *contemplativa*. Vivendo numa sociedade escravagista, o ideal de homem para Aristóteles é o homem de bom carácter (εὐδαιμόνων), o aristocrata, que não precisa de trabalhar para ganhar o seu sustento, que não depende de ninguém e tem todo o tempo livre para se dedicar ao cultivo do intelecto⁴⁷.

⁴⁵ Aristóteles emprega o termo εὐδαιμόνεια que em rigor deveria traduzir-se por *bom carácter*, sinónimo de perfeição pessoal do carácter ou da personalidade.

⁴⁶ "Es kommt daher zu dem Resultat, daß der Mensch (der Arbeiter) nur mehr in seinen tierischen Funktionen, Essen, Trinken und Zeugen, höchstens noch Wohnung, Schmuck etc., sich als freitätig fühlt und in seinen menschlichen Funktionen nur mehr als Tier. Das Tierische wird das Menschliche und das Menschliche das Tierische.

Essen, Trinken und Zeugen etc. sind zwar auch echt menschliche Funktionen. In der Abstraktion aber, die sie von dem übrigen Umkreis menschlicher Tätigkeit trennt und zu letzten und alleinigen Endzwecken macht, sind sie tierisch."

Karl Marx, *Manuscritos*..., p. 155.

⁴⁷ O conceito marxiano de alienação só se torna inteligível à luz desta concepção aristocrática e aristotélica do homem: ser destinado à contemplação e à fruição e não ao trabalho nem à guerra.

O ponto de partida de Marx é outro. A vida é primeiro actividade, mas em época de mudança e transformação a actividade primeira é a actividade prática ético-política como já o fora, aliás, para os naturalistas gregos.

"Partimos de um facto económico-político, a alienação do trabalhador e da sua produção. Enunciamos o conceito deste facto: o trabalho alienado, espoliado. Analisamos este conceito, portanto analisamos um facto meramente económico-político.

Vejamos agora como tem que se apresentar e enunciar na realidade o conceito de trabalho alienado, espoliado."⁴⁸

E Marx pergunta:

"Se a minha actividade própria não me pertence, se é uma actividade alheia, forçada, a quem pertence então?"⁴⁹

Está lançada a questão central de toda a filosofia social e política. A resposta é evidente: a um outro ser que não o trabalhador.

Quem são estes seres?

Para os Egípcios e em geral durante os modos de produção asiático e feudal, exactamente por serem sociedades teocráticas, estes seres eram os deuses.

Claro que os templos e as oferendas não eram para os deuses, mas para os sacerdotes. As pessoas trabalhava para outras pessoas. "O ser alheio, escreve Marx, a quem pertence o trabalho e o produto do trabalho, a cujo serviço está o trabalho e a cuja fruição o produto do trabalho, só pode ser o próprio *ser humano*."⁵⁰

A tese de Marx é clara: a actividade poética ou produtiva já de si o resultado da actividade teórica ou científica, interlaça-se com a actividade prática ou ético-política. Marx analisara até aqui um "facto meramente económico-político". Agora o mesmo facto manifesta-se mais ético-político que económico. Escreve ele:

"Considere-se ainda a proposição anteriormente enunciada, que a relação do ser humano consigo mesmo só se torna *efectiva, ob-jectiva*, quando ele se relaciona com outro ser humano. Se ele se relaciona com o produto do seu trabalho, com o seu trabalho ob-jectivado, como com um objecto *inimigo, alheio*, poderoso, independente dele, então relaciona-se com ele de tal maneira que um outro ser humano a ele alheio, inimigo, poderoso, independente, é o senhor desse ob-jecto. Se se relaciona com a sua própria actividade como com uma [actividade] não livre, então relaciona-se com ela como a actividade ao serviço de, sob o domínio, a coerção e o jugo de um outro ser humano.

⁴⁸ "Wir gingen aus von einem nationalökonomischen Faktum, der Entfremdung des Arbeiters und seiner Produktion. Wir haben den Begriff dieses Faktums ausgesprochen: die entfremdete, entäußerte Arbeit. Wir haben diesen Begriff analysiert, also bloß ein nationalökonomisches Faktum analysiert.

Sehen wir nun weiter, wie sich der Begriff der entfremdeten, entäußerten Arbeit in der Wirklichkeit aussprechen und darstellen muß" Marx, *Manuscritos*... p. 160.

⁴⁹ "Wenn meine eigne Tätigkeit nicht mir gehört, eine fremde, eine erzwungne Tätigkeit ist, wem gehört sie dann? Marx, *Manuscritos*... p. 160.

⁵⁰ "Das fremde Wesen, dem die Arbeit und das Produkt der Arbeit gehört, in dessen Dienst und zu dessen Genuß das Produkt der Arbeit steht, kann nur der Mensch selbst sein." Marx, *Manuscritos*..., pp. 160-161.

Toda a autoalienação do ser humano em relação a si e à natureza surge na relação que ele estabelece consigo e com a natureza em relação aos outros, seres humanos diferentes dele... O meio pelo qual actua a alienação é ele mesmo um [meio] *prático*. Através do trabalho alienado, o ser humano não engendra apenas, portanto, a sua relação com o ob-jecto e com o acto da produção enquanto seres humanos alheios e inimigos dele; engendra também a relação na qual outros seres humanos estão com a sua produção e o seu produto, e a relação na qual ele está com estes outros seres humanos.”⁵¹

Iniciada a crítica da razão poietica há que acompanhá-la *pari passu* com a crítica da razão prática que lhe corresponde. Uma actividade poietica alienada e alienante só pode gerar uma actividade prática alienada e alienante que é, afinal toda a ética da sociedade de classes, seja a iluminista-kantiana seja a hegeliana seja a de Feuerbach.

Qual a saída, qual o desfecho (*Ausgang*) para toda esta filosofia clássica alemã? O projecto filosófico de Marx está em marcha e há que proceder agora à crítica da filosofia de Feuerbach.

Teses sobre Feuerbach

Sem dúvida o melhor texto onde se nos apresenta, pela primeira vez com toda a evidência, a *actividade prática* como mera actividade ético-política são as *Teses sobre Feuerbach*, conjunto de onze apotegmas ou aforismos redigidos por Marx em 1845, mas apenas publicados em 1886 pelo seu amigo F. Engels.

Passemos a analisá-las uma por uma.

Tese 1

“A falha principal, até aqui, de todo o materialismo (incluindo o de Feuerbach) é que o ob-jecto, a realidade, a sensorialidade, apenas é percebida sob a forma do *objecto* ou da *contemplação*; mas não [como] actividade humana sensível, *práxis*, não como *subjectiva*...”⁵²

⁵¹ “Man bedenke noch den vorher aufgestellten Satz, daß das Verhältnis des Menschen zu sich selbst ihm erst gegenständlich, wirklich ist durch sein Verhältnis zu dem andern Menschen. Wenn er sich also dem Produkt seiner Arbeit, zu seiner vergegenständlichten Arbeit, als einem fremden, feindlichen, mächtigen, von ihm unabhängigen Gegenstand verhält, so verhält er sich zu ihm so, daß ein anderer, ihm fremder, feindlicher, mächtiger, von ihm unabhängiger Mensch der Herr dieses Gegenstandes ist. Wenn er sich zu seiner eignen Tätigkeit als einer unfreien verhält, so verhält er sich zu ihr als der Tätigkeit im Dienst, unter der Herrschaft, dem Zwang und dem Joch eines andern Menschen.

Jede Selbstenfremdung des Menschen von sich und der Natur erscheint in dem Verhältnis, welches er sich und der Natur zu andern, von ihm unterschiedenen Menschen gibt. (...) Das Mittel, wodurch die Entfremdung vorgeht, ist selbst ein praktisches. Durch die entfremdete Arbeit erzeugt der Mensch also nicht nur sein Verhältnis zu dem Gegenstand und dem Akt der Produktion als fremden und ihm feindlichen Menschen⁵⁴; er erzeugt auch das Verhältnis, in welchem andere Menschen zu seiner Produktion und seinem Produkt stehen, und das Verhältnis, in welchem er zu diesen andern Menschen steht.” Marx, Manuscritos..., pp. 161-162.

⁵² No original encontra-se escrito *Menschen*. Os editores optaram por substituir a palavra por *Mächten* (poderes).

Marx conhece o materialismo antigo e moderno, de Demócrito, passando por Epicuro até aos materialistas franceses. Para todos eles o mundo *natural* é objectivo, independente da consciência que temos ou não temos dele, cognoscível e intuitivamente verdadeiro, real⁵³.

Mas existe outro mundo igualmente *material* e *objectivo* – o mundo *social*, o mundo dos *ob-jectos* criados pelo entendimento humano, uns, criados pela sua actividade poietica ou produtiva, outros pela sua actividade prática ou ético-política.

“Feuerbach quer objectos sensíveis – distintos de facto dos objectos pensados: mas não capta a própria actividade humana como actividade *ob-jectiva*...”⁵⁴

isto é, como uma actividade não só criadora de ob-jectos manufacturados, mas também e o que é mais importante, de instituições, de práticas sociais. Feuerbach não está atento à actividade prática, ético-política. Diante desses dois mundos assume apenas uma postura contemplativa, teórica.

“Contempla por isso, na *Essência do Cristianismo* apenas a atitude teórica como a autenticamente humana, enquanto a *práxis* apenas é percebida e fixada na sua forma fenoménica judia sórdida.”⁵⁵

Para Feuerbach a actividade autenticamente humana é a actividade teórica ou contemplativa (a da *intuição*).

“Não compreende por isso o significado da actividade ‘crítica-prática’, ‘revolucionária’.”⁵⁶

Teses 2 e 3

Para Marx, urge repensar uma nova crítica da razão prática, revolucionária.

⁵² “Der Hauptmangel alles bisherigen Materialismus (den Feuerbachschen mit eingerechnet) ist, daß der Gegenstand, die Wirklichkeit, Sinnlichkeit nur unter der Form des Objects oder der Anschauung gefaßt wird; nicht aber als sinnlich menschliche Tätigkeit, Praxis, nicht subjektiv.” Marx-Engels, *Ausgewählte Werke*, Berlim, Dietz Verlag, 1972, Band I, p. 196. Doravante, A. W.

Anschauung traduz-se normalmente por *intuição*. No entanto, no alemão quotidiano *anschauen* significa *contemplar* e *Anschauung*=contemplação. Em Filosofia, toda a actividade noética é intuitiva.

⁵³ Nas suas grandes linhas, a concepção iluminista do Cosmos é atomista, mecanicista, descontínua, fenomenista, heliocêntrica, aberta e infinitista, não-teleológica, e este mecanicismo quando transferido para o mundo social torna-se burguês, civil, liberal ou republicano, mas parlamentarista. Ao á-tomo do mundo natural corresponde o *in-dividuo* na sociedade, a mónada leibniziana.

⁵⁴ “Feuerbach will sinnliche – von den Gedankenobjekten wirklich unterschiedene Objekte; aber er faßt die menschliche Tätigkeit selbst nicht als gegenständliche Tätigkeit.” Marx-Engels, A. W., p. 196.

⁵⁵ “Er betrachtet daher im Wesen des Christentums nur das theoretische Verhalten als das echt menschliche, während die Praxis nur in ihrer schmutzig jüdischen Erscheinungsform gefaßt und fixiert wird.” Marx-Engels, A. W., p. 196.

⁵⁶ “Er begreift daher nicht die Bedeutung der ‘revolutionären’, der ‘praktisch-kritischen’ Tätigkeit.” *Ibidem*.

Práxis, Actividade e Trabalho

"A questão, se compete ao pensamento humano verdade ob-jectiva – não é nenhuma questão de teoria, mas uma questão *prática*. Na práxis tem o ser humano que comprovar a verdade, isto é, a realidade e poder, a ceterioridade do seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não realidade do pensamento – que se isola da práxis – é uma questão puramente *escolástica*."⁵⁷

Para Kant, a filosofia entende-se em sentido *escolar* ou *escolástico* e em sentido *mundano* ou *cósmico*. Em sentido escolar, a Filosofia é um sistema de conhecimentos racionais por conceitos e neste sentido é pura habilidade, o filósofo é um artista da razão, um filodexo que não liga o conhecimento especulativo à acção ética (ou prática)⁵⁸. Também para Marx, a actividade teórica isolada da práxis é uma atitude puramente académica, escolar, escolástica.

Admitindo que o homem é puramente passivo diante da realidade *natural* uma vez que nada pode fazer para alterar o movimento dos astros ou as leis biológicas (embora na época de Marx se começasse já a manipular algumas delas), em relação à realidade social e ob-jectual-coisal ele é concretamente *activo* pois foi ele quem criou esse mesmo mundo social, cultural e institucional.

O idealismo percebeu bem cedo toda a dialéctica desta realização. "Por isso, escreve Marx na Tese I, o lado *activo* foi desenvolvido abstracta[mente] [e] em oposição ao materialismo pelo idealismo"⁵⁹, no caso vertente, o materialismo mecanicista galilaico-newtoniano.

A atitude passiva-contemplativa dos mecanicistas perante a realidade físico-natural tem a sua correspondente, nas ciências sociais e políticas, na doutrina acerca da transformação das circunstâncias e da educação. Os socialistas "utópicos" uma vez mais vão atrás dela. R. OWEN (1771-1858)⁶⁰, por exemplo, não leva em conta que a "doutrina materialista" tradicional "esquece que as circunstâncias são transformadas pelos seres humanos e que o próprio educador tem que ser educado."⁶¹

Para Marx:

"A concomitância do mudar das circunstâncias e da actividade humana ou autotransformação apenas pode ser captada e racionalmente compreendida como *práxis revolucionária*."⁶²

⁵⁷ "Die Frage, ob dem menschlichen Denken gegenständliche Wahrheit zukomme – ist keine Frage der Theorie, sondern eine praktische Frage. In der Praxis muß der Mensch die Wahrheit, i. e. Wirklichkeit und Macht, Diesseitigkeit seines Denkens beweisen. Der Streit über die Wirklichkeit oder Nichtwirklichkeit des Denkens – das von der Praxis isoliert ist – ist eine rein scholastische Frage." *Ibidem*.

⁵⁸ Kant, *Logique*, Paris, Vrin, 1982, pp. 23-25.

⁵⁹ "Daber die tätige Seite abstrakt im Gegensatz zu dem Materialismus von dem Idealismus –...– entwickelt." *Ibidem*.

⁶⁰ A alusão a R. Owen não se encontra no original de Marx. Foi acrescentada por Engels e na altura em que decidiu publicar as *Teses sobre Feuerbach*. Não foi, aliás, a única correcção-alteração-esclarecimento que propôs.

⁶¹ "...vergißt, daß die Umstände von den Menschen verändert und der Erzieher selbst erzogen werden muß." *Idem*, p. 199.

⁶² "Das Zusammenfallen des Ändern[s] der Umstände und der menschlichen Tätigkeit oder Selbstveränderung kann nur als revolutionäre Praxis gefaßt und rationell verstanden werden." *Ibidem*.

Tese 4

É clara a preocupação de Marx não com a verdade e a investigação do mundo físico-natural, mas com a verdade e a investigação do mundo ético-político, social e cultural⁶³. Não a *contemplação*, mas a intervenção *práxica* é a única atitude a assumir nas ciências humanas, sociais e políticas.

Não quer isto dizer que a pura investigação e a actividade teórica não descubra a realidade por debaixo do manto diáfano da alienação. Feuerbach, por exemplo, dá um grande passo em frente quando descobre que o homem aliena todas as suas potencialidades num ser divino. A contribuição da sua reflexão, "o seu trabalho consiste nisto, resolver o mundo religioso na sua base mundana."⁶⁴

Mas para Marx isso não chega. Descoberta a origem da alienação religiosa há que extirpar as condições materiais, isto é, práticas, que tornam possível essa alienação.

"Portanto, depois que foi descoberta, por exemplo, a família terrenal como o segredo da Sagrada Família, a primeira tem que ser exterminada então teórica e praticamente."⁶⁵

Tese 5

Feuerbach tem o mérito de descobrir a origem da alienação religiosa. Mas a solução de Feuerbach mantém-se nos estreitos limites do *naturalismo biológico e psicológico*, portanto, ainda no mundo *natural* face ao qual o sujeito mantém uma atitude empírica e *passiva*.

"Feuerbach, não satisfeito com o *pensamento abstracto*, quer a *contemplação*, mas não concebe a sensorialidade como actividade humana-sensível prática."⁶⁶

Tese 6

Tendo-se instalado na *contemplação* e dela não saindo,

"Feuerbach dissolve a essência religiosa na essência *humana*. Mas a essência humana não é uma abstractum inerente ao indivíduo singular. Na sua realidade ela é o elenco das relações sociais.

⁶³ Para quem gosta de separar o jovem Marx do Marx da maturidade, evoquemos tão somente a preocupação pela educação e pelas questões pedagógicas e curriculares que continuará a preocupar o Marx da maturidade. Cf. os relatórios à ALT sobre o trabalho infantil, a organização do sistema educativo e os currículos e ainda a *Crítica do Programa de Gotha* sobre o financiamento do ensino superior in K. Marx-F.Engels, *Critique de l'Éducation et de l'Enseignement*, Prefácio e notas de Roger Dangeville, Paris, Maspero, 1976.

⁶⁴ "Seine Arbeit besteht darin, die religiöse Welt in ih weltliche Grundlage aufzulösen." *Ibidem*.

⁶⁵ "Also nachdem z.B. die irdische Familie als das Geheimnis der heiligen Familie entdeckt ist, muß nun erstere selbst theoretisch und praktisch vernichtet werden." *Ibidem*.

⁶⁶ "Feuerbach, mit dem abstrakten Denken nicht zufrieden, will die Anschauung; aber er faßt die Sinnlichkeit nicht als praktische menschlich-sinnliche Tätigkeit." *Ibidem*.

Feuerbach, que não entra na crítica dessa essência real, é consequentemente obrigado:

1. a abstrair do curso histórico e a fixar o sentimento religioso para si, e a pressupor um indivíduo humano *isolado-abstrato*.⁶⁷

Não assumindo uma postura crítica semelhante à de Kant, não investigando a origem, a natureza, o valor e os limites todos eles sociais, do sentimento religioso e da alienação religiosa, ao pressupor o homem prático como um simples *indivíduo*, um *isolado-abstrato*, Feuerbach aceita de modo acrítico o *contractualismo* dos filósofos das Luzes e concebe o Homem como simples *humanidade*, como uma abstracção acima da História.

Ao proceder desta maneira, “a essência só pode então ser percebida como ‘género’, como universalidade interna, implícita”, ou seja, como *homem-mulher*, “ligando-se os numerosos indivíduos apenas naturalmente”, isto é, enquanto seres biológicos, envolvidos em relações de casal (*Gattung*).

Ora não se trata nem da pessoa enquanto ser *natural* nem do *indivíduo* burguês e *egoísta* das Luzes. Trata-se não de abstrair do curso da História e apregoar o egoísmo como especificamente humano, mas de partir das *relações sociais*, da *sociabilidade*. A pessoa não é por essência *egoísta* ou *altruísta*. Ela torna-se o que vier a ser como resultado das relações sociais e históricas. Nunca é de mais insistir: “a essência humana não é uma abstractum inerente ao indivíduo singular. Na sua realidade ela é o elenco das relações sociais.”

A partir de agora podemos e devemos traduzir *Gattungswesen* por *ser social*.

Tese 7

Em suas notas à margem de leitura de Feuerbach, Marx insiste:

“Toda a vida social é essencialmente *prática*. Todos os mistérios que propiciam a teoria para o misticismo, encontram a sua solução racional na práxis humana e no compreender desta práxis.”⁶⁸

Consideramos esta Tese 7 a tese fundamental em torno da qual giram todas as outras. Os enigmas que o saber e a *actividade teórica* colocam de modo muito escolástico, as dificuldades com que eventual-

mente se depara a actividade *produtiva* ou *poética*, tudo tem a sua solução racional após uma análise crítica levada a efeito pelo conhecimento *prático*, através da *actividade ético-política revolucionária*.

Tese 8

Foi esta *actividade prática*, ético-política e interveniente na história, que Feuerbach negligenciou.

“Feuerbach não vê por conseguinte que o ‘sentimento religioso’ é ele mesmo um produto social e que o indivíduo abstracto, que ele analisa, pertence a uma determinada forma de sociedade.”⁶⁹

Tese 9

Para Marx, o materialismo antigo não tem só uma limitação — a de se manter meramente *passivo* e *contemplativo* diante da realidade natural e social. É ainda um *materialismo de classe*:

“O máximo a que chega o materialismo contemplativo, quer dizer, o materialismo que não concebe a sensorialidade como actividade prática, é a contemplação dos indivíduos singulares e da sociedade civil-burguesa.”⁷⁰

Tese 10

A sociedade civil (burguesa) é a sociedade das Luzes, individualista e contractualista de Locke, de Adam Smith, de Kant e de Rousseau. Mas também dos socialistas “utópicos” e de materialistas como Ludwig Feuerbach. O ponto de vista de Marx é distinto:

“O ponto de vista do velho materialismo é a sociedade burguesa, o ponto de vista do novo, a sociedade humana ou a humanidade social.”⁷¹

Tese 11

No último dos seus apontamentos, Marx deixa um recado a todos os hermenêutas, a começar para ele mesmo:

⁶⁹ “Feuerbach siebt dabei nicht, daß das ‘religiöse Gemüt’ selbst ein gesellschaftliches Produkt ist und daß das abstrakte Individuum, das er analysiert, einer bestimmten Gesellschaftsform angehört.” *Ibidem*.

⁷⁰ “Das Höchste, wozu der anschauende Materialismus kommt, d. h. der Materialismus, der die Sinnlichkeit nicht als praktische Tätigkeit begreift, ist die Anschauung der einzelnen Individuen und der bürgerlichen Gesellschaft.” *Ibidem*.

⁷¹ “Der Standpunkt des alten Materialismus ist die bürgerliche Gesellschaft, der Standpunkt des neuen die menschliche Gesellschaft oder die gesellschaftliche Menschheit.” *Ibidem*.

⁶⁷ “Feuerbach löst das religiöse Wesen in das menschliche Wesen auf. Aber das menschliche Wesen ist kein dem einzelnen Individuum inwohnendes Abstraktum. In seiner Wirklichkeit ist es das Ensemble der gesellschaftlichen Verhältnisse.

Feuerbach, der auf die Kritik dieses wirklichen Wesens nicht eingeht, ist daher gezwungen: 1. von dem geschichtlichen Verlauf zu abstrahieren und das religiöse Gemüt für sich zu fixieren und ein abstrakt – isoliert – menschliches Individuum vorauszusetzen.” *Ibidem*.

⁶⁸ “Alles gesellschaftliche Leben ist wesentlich praktisch. Alle Mysterien, welche die Theorie zum Mysticism[us] veranlassen, finden ihre rationelle Lösung in der menschlichen Praxis und in dem Begreifen dieser Praxis.” *Ibidem*, p. 200.

"Os filósofos têm *interpretado* o mundo apenas diferentemente, o que conta é *transformá-lo*." ⁷²

Transformar que mundo? O mundo natural físico-químico e biológico? Prosseguir o projecto de toda a modernidade e que Descartes enunciara com toda a clareza? Escrevera o Cartésio na VIª Parte do seu *Discurso do Método*:

"Pois elas fizeram-me ver que é possível chegar a conhecimentos utilíssimos para a vida e que, em vez desta filosofia especulativa que se ensina nas escolas, se pode encontrar uma prática pela qual, conhecendo a força e as acções do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos rodeiam tão distintamente como conhecemos as diversas profissões dos nossos artesãos, poderíamos da mesma maneira utilizá-los para todos os usos que lhes são próprios e, assim, tornarmo-nos senhores e possuidores da natureza.

O que não é só desejável para a invenção duma infinidade de artifícios que fariam que se usufruísse sem nenhum esforço dos frutos da Terra e de todas as comodidades que nela se encontram, mas principalmente também para a conservação da saúde, a qual é sem dúvida o primeiro bem e o fundamento de todos os outros bens desta vida..." ⁷³

É evidente que não é desse mundo físico-natural que se trata, mas do mundo *industrial, social e político* saído da revolução burguesa de 1789. E evidente se torna que a *práxis* de que se reclama Marx nada tem a ver com a filosofia prática a que Descartes alude, mas antes a uma *práxis* entendida como actividade ético-política. "Os filósofos têm *interpretado* o mundo [*social e político*] apenas diferentemente, o que conta é *transformá-lo*."

De onde vem então essa tradição marxista que encara a prática como actividade transformadora não só do mundo ético-político, mas da própria natureza e da vida?

IV

À guisa de conclusão

Não terminemos o presente exercício hermenêutico sem uma observação final: são fundadores da corrente marxista na Filosofia, Marx e Engels. O trabalho e o pensamento de um não pode ser separado do trabalho e do pensamento do outro.

⁷² "Die Philosophen haben die Welt nur verschieden interpretiert, es kommt drauf an, sie zu verändern." *Ibidem*.

⁷³ "Car elles m'ont fait voir qu'il est possible de parvenir à des connaissances qui soient fort utiles à la vie, et qu'au lieu de cette philosophie spéculative, qu'on enseigne dans les écoles, on peut trouver une pratique, par laquelle, connaissant la force et les actions du feu, de l'eau, de l'air, des astres, des cieux et de tous les autres corps qui nous environnent, aussi distinctement que nous connaissons les divers métiers de nos artisans, nous les pourrions employer en même façon à tous les usages auxquels ils sont propres, et ainsi nous rendre comme maîtres et possesseurs de la nature.

Ce qui n'est pas seulement à désirer pour l'invention d'une infinité d'artifices, que feroient qu'on jouirait, sans aucune peine, des fruits de la terre et de toutes les commodités qui s'y trouvent, mais principalement aussi pour la conservation de la santé, laquelle est sans doute le premier bien et le fondement de tous les autres biens de cette vie..." Descartes, *Oeuvres Philosophiques*, I, Éd. de F. Alquié, Paris: Éd. Garnier, 1988, p. 634.

Seria um erro afirmar que para Marx a pessoa é *exclusivamente* um ser *práxico* e que o que o distingue dos outros animais seria a sua específica e genérica actividade *ético-política*. Longe disso. Na tradição que remonta de Aristóteles até Kant e que Hegel não renega, a actividade humana é simultaneamente para Marx *teorética, praxica e produtiva* e só enquanto ser *poiético* ou produtivo, o homem é simultaneamente um *teorético* e um *práxico*.

Ou seja, para Marx a actividade ético-política e a actividade científica emergiram inicialmente da actividade produtiva. Enredam-se, hoje em dia, umas nas outras cabendo o papel de motor do progresso histórico ora a uma ora a outra, segundo uma dialéctica cujas determinações, para usar a terminologia hegeliana tão em voga nesta época em que Marx escreve, não cabe no presente contexto analisar.

Podemos então dizer que se Marx circunscreve o conceito de *práxis* à esfera da actividade ético-política, Engels retoma a tradição moderna e cartesiana da *prática* enquanto actividade técnica e científica transformadora do mundo físico-natural. Escreve Engels numa passagem do seu *Ludwig Feuerbach e o desfecho da filosofia clássica alemã* a propósito da crítica à epistemologia de David Hume e de Kant:

"A mais concludente refutação desta, como de todos os outros caprichos filosóficos é a *práxis*, a saber a experimentação e a indústria" ⁷⁴ (Marx-Engels, *Ob. cit.* p. 277).

Nunca saberemos que discussões terão tido Marx e Engels quanto à fixação do significado de *práxis* entre ambos. É possível que a deriva positivista do marxismo levasse Engels a privilegiar a actividade produtiva e poiética, a experimentação e a indústria. O mínimo que podemos discernir é que Marx acentuou a face antropológica da *práxis* fiel à sua convicção de juventude de que o homem é um animal ético-político; e que Engels acentuou a face epistemológica e gnosiológica da *práxis*.

V - Referências bibliográficas

ARISTÓTELES: *La Méthaphysique*, Introduction, Notes et Index par J. Tricot, Paris, Vrin, 1970; *Éthique à Nicomaque*, nouvelle traduction avec Introduction, Notes et Index par J. Tricot, Paris, Vrin, 1979.

⁷⁴ Esta passagem está na origem não só de diversas interpretações da *práxis* como de clivagens políticas e partidárias que elas sugeriram ou delas derivaram. Ninguém parece ter reparado que na mesma data e na mesma edição Engels publica as *Teses sobre Feuerbach*. De onde se podem concluir duas coisas em alternativa. Primeira, que Engels não concorda com o amigo quando este restringe a *práxis* à actividade ético-política. Também a indústria e a experimentação são *práxicas*. Mas mesmo não querendo interpretar esta afirmação no sentido em que toda a investigação científica e toda a indústria é mediada por valores ético-políticos, o mínimo que se pode dizer é que ambos os significados, embora distintos, são património comum do marxismo, da filosofia marx-engelsiana e não podem nunca servir de pretexto para afastar Engels de Marx e daí a nada escamotear o próprio Marx por outra qualquer concepção epistemo-ontológica estranha ao pensamento marxiano. Hermenêutica não pode ser escamoteamento.

- BARATA MOURA J.: Ideologia e Prática, Lisboa: Editorial Caminho, 1978; A práxis para Kant in Kant, comunicações apresentadas ao Colóquio "Kant" organizado pelo Departamento de Filosofia em 25/11/1981 e publicadas sob a direcção de José Barata-Moura, Lisboa: Universidade de Lisboa, 1982; Ontologias da "Práxis" e Idealismo, Lisboa: Editorial Caminho, 1986; Da Representação "Práxis", Lisboa: Editorial Caminho, 1986; Prática, Para uma aclaração do seu sentido como categoria filosófica, Lisboa: Edições Colibri, 1994;
- BATES J. G.: Carlos Marx: Ontologia y Revolución, México: Editorial Grijalbo, S. A., 1974.
- CHATELET F.: Logos et Praxis, Paris: S.E.D.E.S., 1962.
- DIAS DUARTE M.-PEIXE DIAS M.: Filosofias do conhecimento, Lisboa: Plátano Editora, s/d.
- GABAUDE J.-M.: Le jeune Marx et le matérialisme antique, Toulouse: Éditions Privat, 1970.
- GIOVANI B. de: Marx e la costituzione della praxis, Bolonha: Capelli editore, 1984.
- GOLDMANN L.: Lukacs et Heidegger, Paris: Éditions Denoël, 1973.
- GRAMSCI A.: Introdução à filosofia da praxis, Lisboa, Antídoto, 1978.
- GURVITCH G.: Dialéctica e sociologia, tradução de Manuel Dias Duarte, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1971.
- HAARSCHER G.: L'ontologie de Marx, Bruxelles: Ed. de l' Université de Bruxelles, 1980.
- HABERMAS J.: Theorie und Praxis, Neuwied und Berlin: Luchterhand, 1963; trad. francesa: Théorie et Pratique, Paris: Payot, 1975.
- KAIN PH. J.: Marx and Ethics, Oxford: Clarendon Press 1991.
- KARL MARX: Biografia, Lisboa-Moscovo: Editorial "Avante" – Edições progresso, 1983.
- KOSIK K.: Dialéctica do Concreto, Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra S.A., 1969.
- LABICA G.: 1883-1983, L'oeuvre de Marx, un siècle après, Colloque international 17-20 mars 1983, publié sous la direction de, Paris: P.U.F., 19985; Karl Marx — Les "Thèses sur Feuerbach", Paris: P.U.F., 1987.
- LINDEN H. van der: Kantian Ethics and Socialism, Indianapolis/ Cambridge: Hackett Publishing Company, 1988.
- LUKÁCS G.: Geschichte und Klassenbewußtsein (1923), in Werke 2, Neuwied und Berlin: Luchterhand, 1968; Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins, trad. italiana de Alberto Scarponi, Ontologia dell' essere sociale, vol. II, Roma: Editori Riuniti, 1981.
- MCLELLAN D.: Karl Marx, his life and his thought, Hong Kong: Papermac, 1987.
- MAGALHÃES-VILHENA V. de: Marx: Racionalidade e Práxis. Bosquejo de um problema in Antigos e modernos, Estudos de história social das ideias, Lisboa: Livros Horizonte, 1984.
- MARX K.-ENGELS F.: Ausgewählte Werke in sechs Bänden, Band I, Berlin: Dietz Verlag, 1972; Über Ludwig Feuerbach, Leipzig: Verlag Philipp Reclam jun., 1972; Ökonomisch-philosophische Manuskripte, Leipzig: Verlag Philipp Reclam jun., 1974; Critique de l'Éducation et de l'Enseignement, Paris: François Maspero, 1976.
- MÉSZÁROS L.: Marx's Theory of Alienation, Londres: The Merlin Press Ltd, 19864.
- Pensar Feuerbach, Colóquio comemorativo dos 150 anos da publicação de A Essência do Cristianismo (1841-1991), Organização de José Barata Moura e Viriato Soromenho Marques, Lisboa: Edições Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1993.
- Práxis, a categoria materialista de prática social, Organização e selecção de Vasco de Magalhães-Vilhena, Vol. II, Lisboa: Livros Horizonte. 1980.
- RODRIGO P.: Le philosophe, le trésor et la source: Marx, L'économie et le De anima d'Aristote, in Philosophie, n°31 (été 1991), Paris: Les Éditions de Minuit, pág. 9-28.
- SÁNCHEZ-VÁSQUEZ A.: Filosofia da práxis, trad. de Luiz Fernando Cardoso, Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1968.
- VICEN F. G.: De Kant a Marx (Estudios de Historia da las Ideas), Valencia, Fernando Torres – Editor, S. A., 1984.